



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

DIREITOS NEGADOS: 34 ANOS DEPOIS

Campo Grande

JUNHO /2024

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



JULIENE NICOLI MARQUES DE MELO

DIREITOS NEGADOS: 34 ANOS DEPOIS

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação na Componente Curricular não Disciplinar (CCND) Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de bacharelado em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Laura Seligman

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Título do Trabalho: DIREITOS NEGADOS: 34 ANOS DEPOIS

Acadêmicos: Juliene Nicoli Marques de Melo

Orientador: Laura Seligman

Data: 18/06/2024

Banca examinadora:

1. Felipe Quintino Monteiro Lima
2. Mario Luiz Fernandes

Avaliação: (X) Aprovado () Reprovado

Parecer: A banca fez recomendações de ajustes para publicação.

Campo Grande, 18 de junho de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Laura Seligman, Professora do Magistério Superior**, em 18/06/2024, às 09:31, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



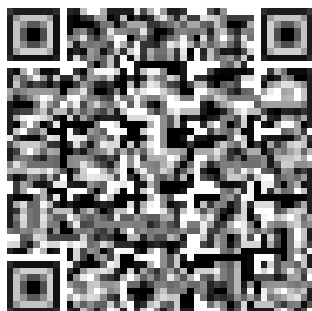
Documento assinado eletronicamente por **Mario Luiz Fernandes, Professor do Magisterio Superior**, em 18/06/2024, às 10:07, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Felipe Quintino Monteiro Lima, Professor do Magisterio Superior, em 18/06/2024, às 10:09, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de](#)



2020.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4893537** e o código CRC **5D165935**.

COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO (BACHARELADO)

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.016982/2024-74 SEI nº 4893537



SUMÁRIO

Resumo	7
Introdução	8
Atividades desenvolvidas	9
1.1 Execução	9
1.2 Dificuldades encontradas	12
1.3 Objetivos alcançados	13
Suportes teóricos adotados	14
Considerações finais	19
Referências	21
Anexos	24
Apêndice	



AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão à minha mãe por acreditar em mim e por não medir esforços para tornar possível minha entrada em uma universidade pública. Isso me sustentou ao longo desses cinco anos de graduação.

Um agradecimento especial aos moradores das comunidades do Anhanduizinho, cujas histórias e experiências foram uma fonte inspiradora para este trabalho. Quero também reconhecer o meu colega de faculdade, Guilherme Brandão, cujo apoio foi fundamental para o desenvolvimento deste projeto. Sem sua colaboração, nada disso teria sido possível.

Meus agradecimentos também se estendem às lideranças comunitárias, educadores e voluntários dos projetos sociais nas periferias de Campo Grande. Por meio do conhecimento e experiência de cada um, foi possível compreender de forma mais profunda o impacto dessas iniciativas na vida das crianças e adolescentes.

Ao fim, gostaria de lembrar das minhas colegas de graduação, Evelyse Michele, Mariana Lima, Giovanna Montoso e Letícia Dantas. Vocês foram capazes de tornar a jornada acadêmica mais divertida. A cada um de vocês, meu mais sincero obrigado. Este trabalho não teria sido possível sem a colaboração e o apoio de todos.



RESUMO

Este relatório introduz a reportagem multimídia “Direitos Negados: 34 anos depois”, como um produto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação em Jornalismo na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Este produto analisa o impacto dos projetos sociais em comunidades periféricas de Campo Grande, com foco na região do Anhanduizinho. Utilizando uma abordagem multifacetada são exploradas as questões de urbanização, juventude, lazer e cultura. A reportagem visa dar voz e visibilidade às iniciativas comunitárias e promover uma reflexão das dificuldades e das soluções que são desenvolvidas na região.

Palavras-chave – Periferia; Campo Grande; Mato Grosso do Sul; Projetos Sociais; Juventude.



INTRODUÇÃO

A escolha da temática deste projeto foi influenciada pela minha formação pessoal como sujeito que cresceu na região periférica e acredita no potencial da juventude desses espaços. A periferia não apenas moldou minha própria história, mas também a de minha família, e é o lar de muitas pessoas que merecem a oportunidade de terem suas vozes ouvidas e reconhecidas. Como jornalista, o desejo de impactar positivamente minha comunidade foi o que me impulsionou a abordar essa temática.

Ao decidir focar na região urbana do Anhanduizinho, que engloba bairros como Aero Rancho e Centro-Oeste, meu objetivo foi trazer visibilidade e protagonismo a essas regiões que se destacam pela densidade populacional e pela presença de crianças e adolescentes. Utilizando dados da pesquisa “Perfil da População dos Bairros do Município de Campo Grande MS”, divulgada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) em 2010, foi possível identificar a importância demográfica dessas áreas na cidade. Por exemplo, na época, o bairro mais populoso de Campo Grande era o Aero Rancho, com 36.057 moradores.

O levantamento também revelou que os bairros inseridos nessa região concentram uma parcela significativa da juventude campo-grandense. Na época, Lageado e Los Angeles lideravam em quantidade de adolescentes, respectivamente, apresentando uma porcentagem de 11,77% e 10,91%. Juntos, Lageado, Centro-Oeste e Los Angeles marcaram uma média de 25,62%.

Por fim, escolher tratar sobre projetos sociais localizados em espaços de vulnerabilidade, parte da perspectiva de que tais são essenciais para garantir a integração social e atuam na construção de novas perspectivas. Essa abordagem visa trazer protagonismo e reconhecimento àqueles que se mobilizam para promover mudanças positivas em suas comunidades. O acesso à cultura e lazer é uma questão política, e garantir isso à juventude periférica é essencial para alcançar uma sociedade mais justa.

Quanto ao formato da reportagem multimídia, ele foi escolhido por sua capacidade de utilizar uma várias ferramentas – textualidade, fotos, hiperlinks, áudios/vídeos e infográficos – para contar histórias de forma mais completa. Nas palavras de Eliane Brum, "A reportagem me dá a chance de causar incêndios sem fogo e espedir contra as injustiças do mundo sem ir para a cadeia. Escrevo para não morrer, mas escrevo também para não matar" (BRUM, 2014, p.61).



1 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

As primeiras etapas do processo envolveram uma imersão na temática por meio da leitura do livro "Sobrevivendo no Inferno" dos Racionais MC's, a obra me ofereceu uma perspectiva profunda sobre a identidade do sujeito periférico. Além disso, assisti ao documentário "Tarja Branca", dirigido por Cacau Rhoden, uma produção que aborda a importância do brincar na infância e me ajudou a entender como experienciar os sons, a natureza, a textura e a comunidade são essenciais no desenvolvimento infantil.

As atividades práticas tiveram início em março de 2024. O primeiro passo foi uma pesquisa de campo na região do Anhanduizinho, devido à extensão territorial, essa atividade foi focada principalmente nos bairros Paulo Coelho Machado e Jockey Clube. Após notar as dificuldades em relação à existência de espaços destinados ao lazer, iniciei a pesquisa e seleção dos projetos a serem retratados. Após tentativas de contato com quatro projetos na região, o Instituto Cultural Projeto Livres se destacou como o mais adequado para o trabalho. Com a definição da fonte, passei a acompanhar as atividades desenvolvidas e a elaborar os roteiros de perguntas.

Além disso, busquei enriquecer a reportagem multimídia com perspectivas especializadas de quatro áreas distintas: História, Artes, Arquitetura, Música e Educação Física. Consultei especialistas em cada um desses segmentos para obter uma compreensão mais profunda de como esses elementos podem impactar o desenvolvimento e a experiência das crianças e adolescentes nas comunidades em questão. Essas fontes especializadas contribuíram significativamente para uma abordagem mais abrangente do tema.

1.1 Execução

O desenvolvimento do produto começou sob um prazo apertado. Com a apresentação para a banca definida para junho de 2024, algumas propostas pensadas no meu pré-projeto precisaram ser reconsideradas. As mais importantes foram a redução de três para um projeto social a ser abordado, e a adaptação nas localidades incluídas no produto. Assim, ocorreu a exclusão dos bairros Moreninhas e Universitário, e tomei a decisão de me concentrar apenas na região urbana do Anhanduizinho, devido ao fator populacional.



Iniciou-se então a busca por projetos que atendessem a dois critérios iniciais: primeiro que estivessem inseridos dentro da região pré-definida por mim e segundo que a organização fosse orgânica da própria comunidade, ou seja, uma mobilização interna. A procura ocorreu por meio das redes sociais, e também em conversas informais com colegas moradores da região delimitada ou que atuavam em ações sociais.

Ainda, paralelamente realizei uma pesquisa de campo com o graduando Maykon Lopes, morador da região. Juntos visitamos espaços de lazer no Centro-Oeste e Jockey Clube. Durante essa ação, ocorreu a captação de imagens e vídeos da situação desses ambientes, além de entrevistas com a população local para aprofundar a temática sob a perspectiva deles. Os residentes apontaram como principais problemas a falta de espaços adequados, equipamentos apropriados e segurança. Essa foi uma troca que enriqueceu ainda mais meu conhecimento sobre as dificuldades dessa região.

Após essa imersão foi dado início ao processo de seleção do projeto social. O Instituto Cultural Projeto Livres foi escolhido pois a princípio a iniciativa cumpria todos os critérios. Ele estava inserido na região do Anhanduizinho, especificamente no Centenário e foi idealizado pela Professora Rosângela Nascimento, moradora da região. Porém os fatores que me levaram a decidir pela ação estavam além, o Projeto me conquistou pela riqueza das atividades. Ele desempenha um trabalho que une a prática cultural da percussão à educação, atende crianças e adolescentes de idades distintas e principalmente busca estimular o protagonismo dessa juventude periférica.

O meu primeiro contato com a iniciativa ocorreu por intermédio do meu colega de faculdade, Guilherme Brandão, ele conhecia a voluntária da iniciativa e professora de percussão Mariana Cabral. Com as primeiras apresentações realizadas, escrevi o roteiro de perguntas e marcamos uma primeira entrevista, de forma presencial com o auxílio da captação de áudio pelo celular. Essa atividade me possibilitou conhecer a ação pela perspectiva dela, e entender o processo de voluntariado que Mariana desenvolve.

Foi a voluntária que me apresentou a Professora Rosângela, e em contato com a idealizadora agendamos para eu conhecer a ação presencialmente. A região conta com serviço de ônibus e transportes por aplicativos que facilitaram a mobilidade até o local. Assim, durante um mês ocorreu o acompanhamento das atividades desenvolvidas e rotina do Projeto Livres. Aos sábados as visitas foram mais frequentes, porém também estive presente em uma apresentação e durante dias do meio da semana. Foram levados em consideração a disponibilidade da iniciativa para tais visitas.



Nesses momentos de ambientação foram produzidos fotos, vídeos e áudios do espaço, que auxiliaram na imersão do leitor no produto final. Além disso, tive conversas com as crianças e voluntários do projeto que me proporcionaram uma compreensão mais abrangente da dinâmica.

Em contato com as atividades do Projeto, o próximo passo foi a elaboração do roteiro para as entrevistas levando em consideração as fontes. Assim, sucessivamente foram entrevistados Rosangela, as mães com filhos no projeto Juliana Santana e Shirley Francisco de Lima Mendes, e os próprios jovens que integram o Projeto Livres como Matheus Felipe e Emily Beatriz. Essa dinâmica me auxiliou a compreender o impacto dessas ações na vida de crianças e adolescentes.

Além disso, foram realizadas entrevistas com especialistas nas áreas de História, Artes, Arquitetura, Música e Educação Física. As visões dos professores doutores Vagner Junior, Julio Botega, Mariana Stocchero, Paulo Antonini e Lenita Calado. Eles ajudaram na imersão do leitor em um tema complexo como a construção das periferias, e contribuíram para a compreensão da relevância do assunto na vivência dessas populações.

Com essas etapas concluídas, dei início à fase de escrita, o processo ocorreu por meio de encontros semanais com minha orientadora. Paralelamente, comecei a decupagem dos relatos gravados que seriam integrados à reportagem multimídia. Após a finalização desta etapa, comecei a seleção de fotos e vídeos que seriam adicionados ao produto final, os critérios utilizados foram que cada captura deveria complementar as narrativas textuais. Ao fim desse processo, avancei para a fase final: a montagem da reportagem em formato multimídia, utilizando a plataforma online Readymag.

A diagramação foi orientada pelos princípios de facilidade e interatividade, com destaque para as cores amarelo e vermelho, inspiradas no álbum "Sobrevivendo no Inferno" dos Racionais Mc's. Essa escolha visou refletir a essência da proposta, destacando o protagonismo dos sujeitos periféricos desde o pré-projeto.

Por fim a reportagem foi organizada em seis partes no formato de website. A página inicial contém o título do produto "34 Anos Depois: Direitos Negados" complementado pelo linha fina "Lei Nº 8.069, De 13 De Julho De 1990", que faz alusão ao tempo que se passou desde a publicação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), até o momento presente. Ainda busca expor que, apesar da garantia de proteção e direitos desses sujeitos, uma parcela dessa juventude ainda é excluída, devido a fatores como raça e classe social.



Após a introdução do tema por meio de um grande Lead, o leitor é guiado ao sumário com acesso aos três capítulos desenvolvidos, “Periferia que existe” onde se contextualiza a construção dessas localidades em Campo Grande/MS, além de explorar arte, lazer e esporte. Ainda complementado por dois infográficos que ilustram dados em relação às crianças e adolescentes no Brasil, Região Centro-Oeste e Campo Grande.

Em “Quem se mobiliza?”, o leitor pode conhecer a história e as atividades desenvolvidas pelo Projeto Livres. Em seguida, “Reexistência” contém três perfis, sendo eles de Rosângela, Matheus e Emily. Ao final, é recomendado ao leitor que acesse a galeria de fotos intitulada “Livres, pela visão deles” contendo imagens capturadas pelas crianças da iniciativa com a minha câmera *CyberShot*. A página também possui um vídeo central onde os jovens apresentam de forma espontânea o espaço que desenvolvem as atividades. Finalizando a experiência, há dois áudios com músicas tocadas durante os ensaios da banda de percussão do Projeto, que cumprem o papel de ambientar o leitor na atmosfera do local.

1.2 Dificuldades Encontradas

Durante o desenvolvimento do meu TCC, encontrei diversas dificuldades que impactam o processo de criação e execução do projeto. Uma das principais foi a captação de áudio e vídeo. Enquanto trabalhava na produção da minha reportagem, enfrentei problemas com os materiais que tinha em mãos para fazer as gravações e colher os áudios, uma vez que não contava com uma câmera ou microfone adequados.

Por vezes, essas dificuldades fizeram com que os áudios tivessem baixa qualidade com ruídos externos e vídeos com dificuldade de captação em relação a imagem. Isso exigiu um extenso processo de pesquisa e triagem para encontrar os materiais mais adequados às necessidades do meu projeto.

Outra dificuldade significativa foi a utilização do ReadyMag, uma plataforma para criação de conteúdo digital. Apesar de sua proposta intuitiva, enfrentei desafios na adaptação e utilização eficiente da ferramenta para desenvolver a parte visual do meu projeto. Lidar com os recursos limitados da plataforma e aprender a navegar por suas funcionalidades demandou tempo adicional e paciência.

Por fim, uma dificuldade que se destacou foi a realização de todo o processo de desenvolvimento do TCC sozinha. Estava acostumada a trabalhar em equipe durante o curso,



enfrentar esse desafio de forma independente foi desafiador. Lidar com todas as etapas do projeto, desde o planejamento até a execução e apresentação final, exigiu uma organização de tempo e dos recursos disponíveis, além de um esforço adicional para superar obstáculos e manter o projeto em andamento.

1.3 Objetivos Alcançados

O objetivo de relatar como se organizam os projetos sociais, que oferecem espaços de lazer e práticas culturais para as crianças e adolescentes nas periferias de Campo Grande, por meio da reportagem multimídia foi alcançado. Os objetivos específicos, como contar como foi o surgimento, o desenvolvimento e quais as dificuldades desses projetos, evidenciar a visão das pessoas de dentro da própria periferia sobre esses projetos, identificar qual é a relevância deles dentro das periferias onde atuam, abordar as atividades que são desenvolvidas dentro de cada espaço também foram alcançados.



2 SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS

2.1 A periferia

O país passou por um intenso processo de urbanização, com uma massa populacional que desejava sair do campo para os centros urbanos. Porém, essa migração não foi homogênea, sem uma organização eficaz, o Estado falhou em garantir a essa população acesso a moradia, saneamento e transporte. Na história do Brasil dois pontos foram essenciais para que esse processo não funcionasse: a privatização de terras e a emergência do trabalho livre (Maricato, 2000).

Em 1940, a população urbana era de 26,3% do total. Em 2000 de 81,2%. Esse crescimento se mostra mais impressionante ainda se lembrarmos os números absolutos: em 1940 a população que residia nas cidades era de 18,8 milhões de habitantes, e em 2000 ela era de aproximadamente 138 milhões. Constatamos, portanto, que em 60 anos os assentamentos urbanos foram ampliados de forma a abrigar mais de 125 milhões de pessoas (Maricato, 2000).

Vale ressaltar em especial o Brasil nos anos de ditadura militar, que teve seu início em 1964 e durou 21 anos. Nesse período, com uma dinâmica social e econômica diferente dos países já desenvolvidos, houve o agravamento da concorrência pelo trabalho e as desigualdades de oportunidades. O Estado nesse tempo não se importava com a baixa remuneração do trabalhador ou a qualidade dos serviços oferecidos. “Sob a falsa aparência de democratizar as oportunidades, o que se fez, na verdade, foi dar uma nova face aos monopólios de sempre” (Mello e Novais, 2009, p. 636).

Em decorrência dessas ações, aqueles que já estavam à margem da sociedade, continuaram ocupando esses espaços. Almeida, ao retratar a maior metrópole da América Latina, São Paulo, exemplifica essa afirmação: “Geralmente, esses bairros distantes do centro têm população composta de negros, migrantes, indígenas etc.[...]” (Almeida, 2015, online).

Já trabalhadas algumas razões, nesse momento é necessário abordar a consequência dessa construção desordenada do país, as periferias. Assim, um conceito simplista seria: “Região distante do centro urbano, com pouca ou nenhuma estrutura e serviços urbanos, onde vive a população de baixa renda; perifa” (Dicionário Michaelis, online).



Entretanto o conceito de periferia é mais dinâmico. Com a banalização usual desses termos, atualmente é difícil chegar a uma definição exata. Porém, uma coisa é certa: esses espaços são referenciados de forma negativa, já que ocupam uma contraposição com as

regiões centrais da cidade. Ao aprofundar esse quesito, essa oposição centro versus periferia, enquanto uma se define pelo poder, outra se define pela dependência e acatamento (Domingues, 2020).

Além de pôr em xeque antigas noções como as de centro, periferia e subúrbio – novos centros econômicos, por exemplo, são constantemente estabelecidos; há a produção de vazios ou enclaves de pobreza em áreas anteriormente consideradas como nobres –, o crescimento das cidades promove a interligação, a instituição de redes de comunicação entre as megalópoles, cada vez mais extensas: as cidades se tornam mundos e o mundo se torna uma cidade (Silva, 2011).

Ou seja, definir a periferia somente pela sua geografia é raso. Os Estados Unidos, por exemplo, têm suas periferias muitas vezes localizadas na região central da cidade. Essa região não é apenas definida por sua localização, mas também pela diversidade e pela densidade das relações sociais, pela intensidade da vida cívica, pelo acesso à informação, pela aglomeração de recursos culturais (Domingues, 2020). Necessário destacar que essa pluralidade retrata uma identidade. “Essas identidades se fazem presentes nas produções culturais, seja de forma estética ou na ética que as orienta. Assumir-se como “periférico” é assumir uma identidade que abarca esse conjunto de realidades” (Almeida, 2015, online).

Para falar sobre a Campo Grande em Mato Grosso do Sul, uma das características da construção da cidade é a tendência em ignorar as questões sociais que se levantam, e estão articuladas com a segregação. “Não se trata de não ter conhecimento de tais assuntos, mas sim de neutralizá-los, como se os centros urbanos não tivessem uma divisão que percorrem o social e econômico” (Mattos, 2021, pp. 33-34). O que por consequência segrega os centros urbanos.

A região central tem a maior renda per capita da cidade, sendo que nela não existe um bairro que tenha o rendimento menor do que mil reais, ou seja, quase dois salários mínimos [...]. Também podemos observar que os bairros com a maior renda per capita (mais do que três mil reais por mês) da cidade estão dispostos nas regiões Centro e Prosa, sendo eles os bairros Jardim dos Estados, Chácara Cachoeira, Itanhangá e São Bento. Não apenas isso, destacamos também que os bairros com a segunda maior renda per capita (entre dois e três mil reais) também estão localizados nas mesmas regiões, sendo a única exceção o bairro TV



Morena, localizado na região Bandeira, porém que é vizinha do bairro São Bento (região Centro), o que mostra uma ligação com a área discutida (Mattos, 2021, p. 41).

2.2 Juventude, lazer e cultura

Para introduzir o assunto, é importante primeiro abordar o que é cultura. Assim, ela se define pela capacidade humana de compreender o mundo onde se habita, dessa forma existem as expressões culturais que podem ser por meio de roupas, danças e músicas (Laraia, 2001).

A juventude é representada socialmente como atores sociais que estão se construindo. Eles utilizam seu cotidiano e as trocas de experiência para se formar cidadãos, por isso com diferentes vivências existem diferentes formas de ser jovem. Assim, o lazer é um meio pelo qual o jovem experimenta e se potencializa, porém o acesso a esse tempo pode ser considerado um privilégio, uma vez que a participação demanda primeiro o acesso a esses espaços. Dessa maneira, existe a necessidade da apropriação pela juventude dos espaços urbanos (Stoppa e Delgado, 2006).

Almeida (2013) busca um aprofundamento na dinâmica de bairros paulistas, em especial os periféricos. O autor relata sobre o Cine Campinho, projeto desenvolvido por um coletivo de jovens que moram em Bandeirantes (Guaianases). Aqui, é essencial para a narrativa a história que os jovens possuem, a apropriação dos espaços urbanos por essa camada, já que em maioria se reúnem para assistir aos filmes. Nessa ação o lazer de assistir ao filme em um espaço aberto integra o consumo de um bem cultural.

Em relação ao resto da cidade, o bairro apresenta-se para os jovens como uma referência, um espaço que proporciona certa segurança, mesmo que seja conhecido na cidade pelo alto índice de violência. A relação de proximidade e pertença ao bairro é revelada na forma como muitas vezes se nomeia o lugar: “pedaço”, “quebrada”, “comunidade” (Almeida, 2013, p. 157).

A necessidade da cidade, cultura e lazer é uma das reivindicações principais da juventude, e a resistência acontece por meio da cultura pelo contexto em que esta população está inserida. Ainda segundo Almeida (2013, p. 166).



Para os coletivos culturais juvenis, o lazer não se tornou apenas um direito, mas uma estratégia política. É a forma que encontraram para se comunicar com outros jovens e com a sociedade. Por isso, de uma ação voltada tão somente para garantir algumas horas de lazer para os moradores, tal qual o Cine-Campinho, várias outras despontam, sem que se tenha dimensão do que possa vir a ser. Uma ação que surge dos comentários compartilhados no apertado quarto de casa, incomodados com a violência que seus colegas de escola vinham sofrendo no bairro, colegas dos quais conheciam o nome, a mãe, a casa, a rua em que moravam; uma ação oriunda de uma preocupação cotidiana e que retorna em forma de resposta lúdica a este mesmo cotidiano, no espaço público.

Assim, o rap, um estilo musical que surge dentro das periferias norte-americanas, é um exemplo da organização dessa resistência de dentro para fora. “Falar da periferia, da ‘quebrada’ tornou-se uma postura. Nas letras de rap, o bairro sempre aparece como o lugar que carece de infraestrutura e políticas públicas, mas também como o espaço que se respeita, se afirma e se assume” (Almeida, 2013, p. 159). É o que se observa na letra do rap Mun-rá, de Sabotage.

Verde sem confisco, mundo submisso
Eu adquiro, peço alívio, paz para os meus filhos
Na decente, atenciosamente eu sigo em frente, tipo assim
Regenerado delinquente lá do Brooklyn
Não sou Mun-rá, mas tenho sim uns pit bull por mim
De zona oeste a Capão, de leste à região
Norte oeste tipo Canão, hé, é embaçado, né, ladrão?
(Sabotage, 2023, online)

Por fim, em uma sociedade do capitalismo selvagem, onde o sujeito é apenas aquilo que consome e a juventude é vista como apenas mais um público-alvo, os coletivos juvenis da periferia se organizam para ocupar o que já era delas, e dar um novo significado às produções literárias, espaços públicos e o audiovisual (Almeida, 2013).

2.3 Reportagem Multimídia

O jornalismo ocupa um lugar de destaque na vida dos brasileiros, seja por meio dos grandes jornais impressos, sites de notícias, programas radiofônicos ou dos telejornais, dessa maneira pode-se dizer que ele impacta diretamente a relação do sujeito com a realidade em que vive (Temer, 2007).

A autora traz uma reflexão sobre a notícia e os demais formatos trabalhados no jornalismo, aponta para a diferença da notícia e reportagem “Entre os gêneros presentes no



material informativo/ jornalístico, a notícia difere inicialmente da reportagem na questão de formato, uma vez que a reportagem é planejada e obedece a uma linha editorial, um enfoque; a notícia, não” (Temer, 2007, p. 54).

Ainda segundo Temer (2007), mesmo que parecidas pela estrutura inicial como o lead, a reportagem se difere em seu aprofundamento, ao mesmo tempo que a notícia trabalha o factual, novo ou com atualizações sobre determinado assunto.

Godinho (2021, p. 48), ao trazer o conceito de reportagem retrata que a construção ao longo da história não aconteceu de forma linear e sim por transversalidades e por meio de entender a configuração das filiações e “verdades históricas ”, declara:

Por tudo o que analisamos até aqui, percebemos que esta segunda vaga da reportagem, ocorrida entre os anos 20 e 30 (numa época que ficou conhecida como o período do modernismo), colocou a reportagem pela primeira (e talvez única no Ocidente), como um fenômeno dominante em várias dimensões da experiência que vão inclusivamente para além do campo jornalístico, desde o pensamento filosófico até à febril cultura popular.

Com a chegada da internet, abre-se espaço para novos padrões de conexão. Como as mídias continuam em processo de atualização, por meio dos telefones celulares que em 2020 se tornaram a principal fonte de acesso à internet. As mídias entendem a necessidade de organização. (Canavilhas, 2010).

Entra-se em um processo no qual os meios se modificam para continuar existindo. A exemplo, temos o podcast da empresa Folha de São Paulo "Café da Manhã", que pode se igualar aos programas de rádio; a existência no Youtube de canais das grandes empresas de comunicação do país, utilizando a plataforma para a postagem de notícias no formato de vídeo curtos, o que é o telejornal.

A migração dos meios tradicionais para a Web esbateu fronteiras e iniciou um processo de convergência que torna cada vez mais difícil distinguir onde acaba um meio e começa outro: a imprensa ganhou distribuição global imediata, uma característica da rádio e da televisão graças aos satélites; a rádio ganhou imagem, característica típica da televisão; a televisão ganhou novos níveis de interação típicos da Internet. (Canavilhas, 2010).

Essa nova realidade impactou fortemente a forma de nos relacionarmos. “O sucesso destes meios alterou o consumo de notícias, que passou a ser individual, móvel, ubíquo e contínuo” (Canavilhas, 2010, p. 8). Os apontamentos são diversos, desde o novo sistema em que as notícias vão ao encontro dos receptores, que tendo a opção, acessam como e onde



desejam; até compreender a redistribuição da informação, que pode acontecer via e-mail e redes sociais (Canavilhas, 2010).

Com isso, o jornalismo se adequa à produção nessa sociedade em rede por meio dos produtos webjornalísticos, com os diferenciais da hipermídia: interatividade, multilinearidade e adição de elementos multimídia. Assim, com os recursos de imagens, sons e textos, temos a webreportagem (Longhi, 2010).

Da mesma forma, poderíamos definir o especial multimídia como: “Grande reportagem constituída por formatos de linguagem multimídia convergentes, integrando gêneros como a entrevista, o documentário, a infografia, a opinião, a crítica, a pesquisa, dentre outros, num único pacote de informação, interativo e multilinear (Longhi, 2010, p. 153).

Por fim, é um formato que apresenta as características da reportagem, utilizando-se da linguagem do Jornalismo Literário, porém de uma maneira diferente das famosas páginas de jornais: conectado e interativo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este projeto, sinto que é impossível não refletir sobre o impacto que a periferia exerce não apenas em minha própria trajetória, mas também na vida de tantos outros indivíduos que compartilham desses espaços. A jornada de pesquisa e produção desta reportagem multimídia me proporcionou uma imersão profunda na realidade dessas comunidades, revelando não apenas desafios, mas também a riqueza cultural e a resiliência dos habitantes.

A partir da escolha da temática e da região do Anhanduizinho, foi possível dar voz e visibilidade a projetos sociais essenciais que atuam na promoção do acesso à cultura, lazer e educação para crianças e adolescentes dessas áreas. Além disso, por meio das entrevistas realizadas com membros dessas iniciativas, assim como com especialistas em diferentes áreas, foi possível compreender a importância desses espaços na construção de identidades periféricas e na promoção da cidadania.

As dificuldades encontradas ao longo do processo de desenvolvimento do projeto destacaram a complexidade e os desafios enfrentados na prática do jornalismo, especialmente quando se busca aprofundamento e qualidade na produção de conteúdo. Evidenciando a importância do trabalho colaborativo e da busca constante por capacitação do profissional.



No entanto, apesar dos obstáculos, os objetivos propostos foram alcançados. A reportagem multimídia produzida trouxe as iniciativas positivas e inspiradoras que surgem desses contextos. Mais do que isso, permitiu ampliar o diálogo sobre a importância do acesso à cultura, lazer e educação como ferramentas fundamentais na promoção da inclusão social e no enfrentamento das desigualdades, principalmente quando se aborda crianças e adolescentes.

Portanto, encerrar este ciclo, sinto-me gratificada pelo aprendizado e pelas experiências vivenciadas ao longo deste projeto. Que este trabalho possa contribuir para ampliar o olhar sobre as periferias e para inspirar novas iniciativas de transformação social. Que cada voz ouvida e cada história compartilhada seja um passo em direção a uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva.



4. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Renato Souza de. Cultura de periferia em movimento. **Revista Cultura e Periferia**. SP: SESC. 26/10/2020.

ALMEIDA, Renato Souza de. Juventude, direito à cidade e cidadania cultural na periferia de São Paulo. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 56, p. 151-172, jun. 2013.

BRUM, Eliane. **Meus desacontencimentos**: A história da minha vida com as palavras. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017. 125 p.

CANAVILHAS, João. O novo ecossistema midiático. **BOCC: Biblioteca Online de Ciência da Comunicação**. Covilhã. 2010. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-o-novo-ecossistema-mediatico.pdf>. Acesso em: 08 mai 2023.

DOMINGUES, Álvaro. (Sub)úrbios e (sub)urbanos: o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos. Geografia: **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 11, p.5-18. 2020.

GODINHO, Jacinto. **Genealogias da Reportagem**. Manual de Reportagem. Labcom- UBI, 2021.

LONGHI, Raquel Ritter. Os nomes das coisas: em busca do especial multimídia. **Estudos em Comunicação**, v. 2, n. 7, p. 149-161. 2010.

MATTOS, E.F. **Segregação Socioespacial em Campo Grande**: objeto de intervenção urbana. Monografia. FAENG. Campo Grande: UFMS, 2021.



MELLO, J.M.C; NOVAIS, F. **Capitalismo tardio e sociabilidade moderna**. São Paulo: Editora Unesp, Campinas-SP: FACAMP, 2009.

PERIFERIA. In: Michaelis: **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Campo Grande: Editora Melhoramento Ltda © 2023. Disponível em: APÊNDICES <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/periferia/>. Acesso em: 16 mai. 2023.

RHODEN, Cacau (Diretor). Tarja Branca. Produção de Estela Renner, Juliana Borges. 2014.

SABOTAGE. Mun-Rá. São Paulo. 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=URvCUofYPq0>. Acesso em: 16 mai. 2023.

SEBRAE. Pesquisa Perfil da População dos Bairros do Município de Campo Grande MS.

Brasília, MS: Sebrae. Disponível em: Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/MS/Estudos%20e%20Pesquisas/Perfil%20dos%20Bairros%20de%20Campo%20Grande%20MS.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2023.

SILVA, Igor. Por uma antropologia da Mobilidade. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 42, n. 2, p. 154 - 158, jul/dez. 2011.

RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no Inferno**. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

STOPPA, Edmur; DELGADO, Mônica. A Juventude e o lazer. In: MARCELLINO, N. C. (Org.) **Lazer e Recreação**: Repertório de atividades por fases da vida. Campinas, SP: Papyrus. 2006. 65-69 p.

TEMER, Ana Carolina. Reflexões sobre a tipologia do material jornalístico: o jornalismo e as notícias. Intercom – **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.30, n.1, p. 49-70, jan./jun. 2007.



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul





ANEXOS

Capa dos Racionais Mc's com as cores utilizadas de referência:

